

Até o final desta semana, todos os estados vão receber o coquetel de medicamentos que melhora a qualidade de vida dos pacientes com Aids. A distribuição começou na quarta-feira passada. O Brasil é o único país do mundo que está distribuindo de graça o coquetel.

O programa das Nações Unidas para o combate da Aids, com sede em Genebra, aplaudiu a iniciativa do Governo brasileiro e já pediu informações sobre o processo de distribuição que adotamos.

O Ministério da Saúde fornece medicamentos aos pacientes de Aids já há algum tempo. Adotou essa prática antes mesmo de entrar em vigor a lei que sancionei o mês passado e que obriga o Governo a distribuir os remédios.

Determinei a criação de uma comissão técnica que vai definir uma cesta básica de medicamentos para combater a doença e já iniciamos o processo de licitação para a compra dos exames necessários ao acompanhamento dos pacientes que vão usar o coquetel.

Por falar nisso, quero esclarecer algumas coisas. O coquetel de medicamentos não deverá ser usado por todas as pessoas que têm o vírus da Aids. Um grupo de 70 especialistas já definiu critérios sobre o uso dos remédios, quem deve tomar e quando. Essas normas já foram encaminhadas aos estados. Muitos pacientes devem tomar, primeiro, outros medicamentos que também são distribuídos pelo Ministério. O coquetel entra como mais um recurso quando a situação se agravar. Se utilizado antes, pode não fazer mais efeito quando for realmente necessário.

Quem precisar dos medicamentos, deve procurá-los no serviço de saúde onde é habitualmente atendido, inclusive no caso do coquetel. Lá, o médico irá avaliar as condições do paciente e definir o tratamento adequado.

Nós temos recursos para garantir o fornecimento de todos os medicamentos e, também, o serviço de prevenção, assistência e pesquisa. Do ano passado para cá, investimos 300 milhões de reais nessas três áreas. E o orçamento de 97 vai ser maior que o de 96.

Hoje, nós contamos com uma rede credenciada de 350 serviços de atendimento especializado no tratamento de Aids, a maioria hospitalais. Além disso, temos mais duas modalidades de assistência alternativa: o serviço de atendimento domiciliar terapêutico e o chamado hospital-dia. São 28 hospitais-dias espalhados pelo País. Como o nome diz, o paciente passa o dia no hospital e, à noite, volta para casa. Isso melhora a qualidade de vida do doente e reduz, e muito, o custo de internação. Veja só, o gasto médio de internação no hospital comum é de 600 reais: no hospital-dia cai para, aproximadamente, 150 reais. O serviço de atendimento domiciliar também reduz a internação e envolve a família do paciente no tratamento.

O Ministério da Saúde estimula os estados e municípios a criarem esses dois tipos de serviços. Atenção, prefeito: se o seu município registra muitos casos de Aids, procure o Ministério. Nós temos recursos disponíveis para ampliar essa rede de assistência alternativa. A partir de 80, foram registrados 88 mil casos de Aids no Brasil.

O Governo está fazendo o que é possível para evitar a propagação da doença e para ajudar pessoas já infectadas a conviverem com ela. No ano que vem, vamos intensificar as campanhas nacionais. Faremos seis, para que a Aids não faça mais vítimas em nosso país.

Mas todos os esforços do Governo são pequenos, diante do que cada brasileiro pode fazer para evitar a transmissão do vírus pela relação sexual. Esta, como você sabe, é a via que oferece mais riscos à propagação da doença. E o uso de preservativos é a melhor maneira que se tem para evitar a doença.

Ao usar o rádio para transmitir esta mensagem, eu espero estimular cada cidadão do meu país a dizer um “sim” à vida.